



Old Jerusalem

A melancolia da anatomia

Quem reconhece em «Old Jerusalem» o título de uma canção de Will Oldham imediatamente imagina uma genealogia de melancólicos americanos (essa que inclui Bill Callahan, Damien Jurado, os Mountain Goats e outros). Francisco Silva, o mentor deste grupo de geografia variável chamado Old Jerusalem, nunca escondeu as suas influências e afinidades. Mas, ao terceiro álbum, essas comparações não são mais necessárias. Na verdade, o novo disco de Old Jerusalem é mais interessante visto em confronto com os anteriores, *April* (2003) e *Twice the Humbling Sun* (2005), do que com os seus mestres e modelos.

No essencial, nada mudou: são canções tendencialmente narrativas, um lamento gentil e às vezes desolado, um melodismo dolente que acompanha textos longos, uma espécie de confessionalismo tímido. Estas onze canções são como que um diagnóstico dos estádios de uma relação amorosa.

Quem associa a melancolia confessional a inclinações adolescentes encontra aqui um desmentido completo: uma relação não é um objecto imóvel, e Francisco Silva acompanha com minúcia os cambiantes de saudade, cumplicidade, afastamento, aceitação e mesmo alguma crueldade (com ou sem dolo) que os amantes vivem. A monotonia e a rotina (elementos inevitáveis de qualquer experiência com alguma duração) estão aqui espelhadas de modo insólito, porque menos ostensivamente «poético»; mas é também isso que nos faz

compreender os efeitos da passagem do tempo, os avanços e recuos, a incerta certeza que é sabermos realmente o que queremos. Isso e a atenção comovente aos pequenos gestos e aos pequenos símbolos (como um lenço, em «Her Scarf»), constante metáfora material das nossas emoções. O estilo de Francisco Silva não tem nenhuma semelhança com a tensão minimalista nem com a associação livre que são métodos comuns em tantos escritores de canções intimistas. Os textos raramente procuram o aforismo emblemático, mas também se afastam do prosaísmo, mesmo quando descrevem situações prosaicas. As palavras, diz Francisco Silva numa das canções, são coisas físicas. E neste disco isso também se comprova com as discretas mudanças rítmicas e com o modo melodioso como terminam alguns versos. No entanto, talvez a novidade mais evidente neste álbum seja o humor e ironia de algumas canções (o snobismo paródico de «Arts Center» ou a deliciosa candura de «Love & Cows»). Como Francisco Silva explica, não existe desolação («gloom») onde há movimento, e este disco tem mais movimento que os anteriores, mesmo quando analisa a imobilidade. Isto não é um jogo, é uma confissão, mas as canções cruzam com grande inteligência o desencanto com o distanciamento. «Love & Cows», logo no início, mostra como os «conceitos» escondem realidades mais comuns e dolorosas: «We fabricate the concepts but fundamentally fail to connect / We find awkward our true feelings and give

them shapes more 'politically correct' / Like when you are bored of me and you won't take another night / Becomes "we are not communicating, something isn't right" / Well, it is, that is just the way things are / The end of love sometimes find us sobbing in the car». Mas depois a história envereda pela auto-depreciação em tom assumidamente ligeiro: ele não sabe cozinhar, não gere bem o orçamento, é desarrumado, é míope, dizem que está a ganhar barriga e ainda por cima partiu uma vaca de louça, imagem da banalidade doméstica. E tudo termina não na anatomia da melancolia mas na melancolia da anatomia, ao mesmo tempo gráfica e carinhosa: «And our minds and bodies just sensually click / I fall between your boobs and you on my dick». Os romanos diziam que depois do coito todo o animal fica triste. Mas isso é apenas meia verdade. E Francisco Silva, como este disco confirma, não se contenta com meia verdade. Pedro Mexia

www.oldjerusalem.net
www.bor-land.com

Discografia

The Temple Bell / Bor Land 2007
Splitted / Bor Land 2006
Twice The Humbling Sun / Bor Land 2005
April / Bor Land 2003
Old & Alla / Edição Autor 2001

Booking / Management
booking@bor-land.com